
Teacher professional development: what we learn from remote teaching in the context of the pandemic

Desenvolvimento profissional docente: o que aprendemos com o ensino remoto no contexto da pandemia

Received: 2023-02-10 | Accepted: 2023-03-20 | Published: 2023-03-30

Sandro Valérius Santos

ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-3224-6811>
Centro Paula Souza / FATEC-Araras/
E-mail: sandrovalerius@gmail.com

Maria de Fátima Ramos de Andrade

ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-4945-8752>
Universidade Presbiteriana Mackenzie, Brasil
E-mail: mfrda@uol.com.br

Maria da Graça Nicoletti Mizukami

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4258-1056>
Universidade Presbiteriana Mackenzie, Brasil
E-mail: gramizuka@gamil.com

ABSTRACT

This article aimed to investigate how the knowledge base of the technical education teacher who worked in remote teaching was expanded and which teaching learning was intensified in this process. This study is characterized as a descriptive-analytical research, of a qualitative nature. To carry out this study, teachers who work at a Technical School located in the State of São Paulo answered questionnaires and interviews. The theoretical foundation focused on studies by Carlos Marcelo and Lee Shulman that deal with teacher training and professional development. Data analysis revealed that collaboration, humanization, changes in old practices, adaptation to new environments and the ability to develop new knowledge for teaching practice are among the learning experiences.

Keywords: Pandemic; Covid-19; Remote teaching; Teacher professional development.

RESUMO

O presente artigo se propôs a investigar como a base do conhecimento do professor do ensino técnico que atuou no ensino remoto foi ampliada e quais as aprendizagens da docência foram intensificadas neste processo. Esse estudo caracteriza-se como uma pesquisa descritivo-analítica, de natureza qualitativa. Para realização deste estudo, professores que atuam numa Escola Técnica localizada no Estado de São Paulo responderam questionários e entrevistas. A fundamentação teórica concentrou-se nos estudos de Carlos Marcelo e Lee Shulman que tratam da formação dos professores e desenvolvimento profissional. A análise dos dados revelou que entre as aprendizagens encontra-se a colaboração, a humanização, as mudanças de velhas práticas, a adaptação em novos ambientes e a capacidade de desenvolver novos saberes para a prática docente.

Palavras-chave: Pandemia; Covid-19; Ensino remoto; Desenvolvimento profissional docente.

INTRODUÇÃO

No dia 30 de Janeiro de 2020, a OMS declara “emergência global”: a primeira pandemia do novo milênio. Em fevereiro, a situação se agrava e o Brasil tem seu primeiro caso confirmado na cidade de São Paulo. Até o final de fevereiro o inimigo ganhou nome: Covid-19. No mês de março, os estados brasileiros iniciam seus planos de combate a propagação da doença e prevenção e entramos em quarentena em praticamente todos os setores, há restrições para locomoção e para permanecer em ambientes fechados, o que inclui as salas de aulas das escolas. Diante dessa nova realidade, em diferentes modalidades de ensino, educandos e professores que nunca se programaram para algo como um isolamento passaram a se preparar, a se instruir e a experimentar um novo formato de ensinar, aprender e até mesmo gerir o processo educacional.

Uma dessas modalidades foi a Escola Técnica. Nesse quadro de distanciamento, a solução imediata passou a ser aulas num formato digital. Na pandemia, os professores fizeram cursos, enfrentaram desafios e foram se adaptando ao contexto. Durante esse processo é possível afirmar que muitos aprendizados ocorreram. Assim, diante do exposto, o presente artigo se propôs a investigar como a base do conhecimento do professor que atua na Escola Técnica foi ampliada no ensino remoto e quais as aprendizagens da docência foram intensificadas neste processo. Na primeira parte do artigo, apresentamos o conceito de formação docente, pautado na ideia do desenvolvimento profissional docente, explicitando o que entendemos por base de conhecimento do professor. Na segunda parte, apresentamos a análise dos dados que foram gerados na pesquisa de campo. Por último, as conclusões do presente estudo. Vale ressaltar que trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa de cunho descritivo-analítico.

Formação dos professores e desenvolvimento profissional

Carlos Marcelo (2009, p. 10-11), no artigo “Desenvolvimento Profissional Docente: passado e futuro”, afirma que aprender é um direito e, para isso, é necessário um esforço constante de confiança, compromisso e motivação. Para a constante renovação desse compromisso, é imprescindível que o professor, amplie, aprofunde, melhore a sua competência profissional, ou seja, seja, se desenvolva profissionalmente. Segundo o autor, o desenvolvimento profissional docente deve ser visto como um processo que pode ser individual ou coletivo e:

- baseia-se no construtivismo, o que significa dizer que não é um modelo bancário ou transmissivo, essa característica indica que o professor é um sujeito que aprende quando está em relacionamento ou envolvimento com a avaliação ação e reflexão;

- é um processo a longo prazo, as experiências são mais eficazes quando os professores às exercem usando seus conhecimentos prévios;
- é um processo que tem lugar em contexto concreto, ela se baseia na escola onde é possível relacionar atividades diárias e realizá-las com seus professores;
- é um processo envolvido com a reconstrução da cultura escolar;
- é um processo no qual o professor é visto como um prático reflexivo, uma vez detentor do conhecimento ele se desenvolve enquanto adquire mais conhecimento e reflete sobre a sua experiência, por isso entre suas atividades está construção de novas teorias e novas práticas;
- é um processo colaborativo, porém, às vezes pode funcionar de forma individual;
- pode ser adotado em diferentes contextos, os modelos de desenvolvimento profissional não são exclusivos, eles podem ser diferentes e nem sempre dão o mesmo resultado em todas as escolas.

Outra característica do desenvolvimento profissional do docente é a identidade docente.

Marcelo (2009) ressalta que:

[...] é através da nossa identidade que nos percebemos, nos vemos e queremos que nos vejam. A identidade profissional é a forma como os professores se definem a si mesmos e aos outros. É uma construção do seu *eu* profissional, que evolui ao longo da sua carreira docente e que pode ser influenciada pela escola, pelas reformas e contextos políticos (MARCELO, 2009, p. 11).

Assim como o processo de desenvolvimento profissional, a identidade docente também se constitui individualmente e coletivamente. Ela é um fenômeno relacional que se desenvolve ao longo da vida, em constante transformação. Uma pergunta legítima que surge quando se pensa na formação de professores é quais são as bases necessárias para essa formação. Pesquisando como professores aprendem a ensinar e comparando o resultado do desenvolvimento de novos professores com a experiência exercida por veteranos, Shulman (2014, p. 201) afirma “o que os professores sabiam (ou não) que lhes permitia ensinar de uma certa maneira”; ele traz uma discussão sobre as fontes da base do conhecimento, as áreas de pesquisa e da prática didática e os processos de raciocínio e ação pedagógicas no contexto específico da ação docente. Shulman, ao afirmar que existe uma base de conhecimento para lecionar, inicia sua explanação sobre o assunto, primeiramente esclarecendo sua visão do ensino. Ele afirma que:

... o ensino necessariamente começa com o professor entendendo o que deve ser aprendido e como deve ser ensinado. Ele procede com uma série de atividades, durante as quais os alunos recebem instruções e oportunidades específicas para aprender, embora o aprendizado propriamente dito seja, em última análise, de responsabilidade dos alunos. O Ensino conclui como uma nova melhoria compreensão tanto do professor como do aluno (SHULMAN, 2014, p. 205-206).

Shulman também considera essa definição incompleta, pois o ensino não se resume simplesmente na melhoria da compreensão, mas pelo menos uma melhoria ela precisa ser. Depois de uma definição acerca do ensino, Shulman analisa e define as categorias de conhecimento por de traz da compreensão do professor tão importantes para que haja uma compreensão por parte do aluno. As categorias da base do conhecimento, para Shulman, faz parte de um conceito concreto da persona chamada professor, tão abstrata para uma conceituação, mas trata-se exatamente disso, de olhar para esse ser abstrato e transportá-lo para um espaço onde possa ser dimensionado, medido, experimentado e até avaliado. Shulman conclui que essas categorias seriam:

- a) Conhecimento do conteúdo;
- b) Conhecimento pedagógico geral, com especial referência aos princípios e estratégias mais abrangentes de gerenciamento e organização de sala de aula, que parecem transcender a matéria;
- c) Conhecimento do currículo, particularmente dos materiais e programas que servem como “ferramentas do ofício” para os professores;
- d) Conhecimento pedagógico do conteúdo, esse amálgama especial de conteúdo e pedagogia que é o terreno exclusivo dos professores, seu meio especial de compreensão profissional;
- e) Conhecimento dos alunos e suas características;
- f) Conhecimento de contextos educacionais, desde o funcionamento do grupo ou da sala de aula, passando pela gestão e financiamento dos sistemas educacionais, até as características das comunidades e suas culturas; e
- g) Conhecimento dos fins, propósitos e valores da educação e de sua base histórica e filosófica (SHULMAN, 2014, p. 206).

Dentre essas categorias, Shulman demanda significativo interesse no conhecimento pedagógico do conteúdo, por tratar-se de uma fusão, ou talvez um ponto de intersecção entre os conhecimentos distintos do conteúdo e da pedagogia, saberes necessários para ensinar. O processo de desenvolvimento, como já relatado, não se encerra jamais, e são, fomentados por três articulações constantes, a necessidade do aluno que se modifica a cada contexto social ou geração; as mudanças presentes no conteúdo que se adequa, modifica e se reconstrói a cada movimento de suas verdades e valores, e por fim, o que se torna objeto de estudo nessa tese, as mudanças de contextos sociais que nos obrigam a mudar a sala de aula, os instrumentos, as formas de comunicação e continuar sendo professores.

O que os professores aprenderam no contexto da pandemia

Para se traçar um perfil dos professores participantes da pesquisa, foi aplicado um questionário, por meio de formulário *Microsoft Forms*, disponibilizado online, divulgado pela coordenação acadêmica da instituição por meio de comunicação oficial realizada por e-mail institucional e de grupos de comunicação entre professores. O questionário foi composto por perguntas fechadas que investigaram o perfil dos participantes e algumas ações que foram

desenvolvidas no período do ensino remoto. Na sequência, selecionamos nove professores de diferentes áreas que foram entrevistados por meio da plataforma *Microsoft Teams*, com roteiro de perguntas abertas.

A escola que acompanhamos é uma Escola Técnica de Ensino Médio, com cursos tanto para jovens recém-formados no ensino fundamental, ou alunos do ensino médio. Conta no seu quadro docente com 48 professores, que são contratados por meio de concurso público. A maior parte dos professores (76,6%) em exercício na unidade, está envolvida com os cursos técnicos e possuem uma formação profissional, que primariamente está voltada para atuação fora do magistério, no caso, “Gestão e Negócios” e “Informática e Comunicação”. Constatamos que a maioria está acima dos 40 anos de idade, cerca de 56% do corpo docente já possui uma graduação a mais de 15 anos e 48% atuam a mais de 10 anos na instituição. Além disso, a maioria possui o magistério como sua única fonte de renda e apenas 24% dos participantes atuam exclusivamente na Escola Técnica. As entrevistas foram gravadas, transcritas e organizadas e, após leitura recorrente, delimitamos três categorias. São elas: “aprendizagem da docência”, “experiências no ensino remoto: dificuldades e desafios” e “Avanços e retrocessos nas práticas pedagógicas”.

Aprendizagem da docência

Com a intenção de saber como os professores aprendem a sua profissão e se desenvolveram profissionalmente, em especial, no contexto da pandemia, perguntamos: “como o professor aprende a sua profissão?” e “Quais as fontes que contribuíram para a sua atuação profissional, no contexto do ensino remoto?”

O professor B destaca essa realidade da seguinte forma:

Acho que é empírico o ato de ensinar, é bem “tentativa e erro” mesmo e para cada turma, um jeito. Uma metodologia para cada curso, ainda que transitem pela questão do ensino técnico, então cada matéria não dá para usar a mesma metodologia porque são diferentes, então a sala dos professores é uma sala colaborativa. É praticamente assim que aprendi, muito do que acontece lá, para os colegas de quem se aprende, é também um momento de terapia, o momento do aprendizado, é o momento da diversão, tudo ali.

A academia faz parte da formação docente, mas na prática docente, quando o professor está com o giz na mão, a lousa e uma turma para ensinar, o bate papo com os colegas, as dicas, como relatou o professor B, a prática, fato que o professor D também comenta que na sua trajetória profissional docente, considera três os elementos da formação: a experiência em sala de aula, a formação academia e a tutoria, um colega que de forma específica exerce um papel de colaborador na formação docente. Ele afirma:

Mas eu tive uma pessoa que me instruiu, eu recebi muitos treinamentos, fui muito instruído pelos donos, coordenadores pedagógicos, então essa formação, ela acaba vindo de três lados, se a gente for parar para pensar, nessa formação, que é a parte formal, que vem da universidade, a sua experiência dentro da sala de aula, e você ter essa sensibilidade de entender “olha isso deu certo” ou “isso, de repente, não deu muito certo”. E se, o que eu acho mais difícil, o terceiro pilar se você tiver um apoio, se você tiver alguém que possa servir de tutor para você num determinado momento até que você consiga entender, para que a pessoa abra os seus olhos “olha eu tenho alguns caminhos aqui, que são muito tortuosos, tem pra não ir por esses caminhos. Professor D

Vale ressaltar que no caso do professor D, as evidências dessas conclusões são mais acentuadas, pois a trajetória dele foi diferente, ele começou a lecionar em cursos livres de idiomas antes de ter uma formação universitária, posteriormente concluiu o ensino superior. No caso da Escola investigada, essa aprendizagem colaborativa aconteceu também na forma de tutoria, alguns professores desempenharam um papel distinto por, justamente, trazer mais conhecimento no uso das ferramentas de mediação usadas nas aulas remotas, e por isso, nos grupos de *whatsapp*, nos eventos online da escola, no canal da escola no *YouTube*, estes professores tutores, acabavam sendo uma referência e apoio para os demais.

Foi essa a experiência relatada pelo professor G, na intenção de conhecer mais a ferramenta *MS Teams*, ele a dominou, aprendeu sobre a configuração, sobre detalhes que muitos professores tiveram certa dificuldade no início, então ele acabou ajudando, em sua entrevista ele comenta que:

Na parte de configuração, eu pude trabalhar com o suporte. Eu atendi muitos professores com dificuldade com o *Teams*, com microfone, câmera, então nessa parte de configurações, de dispositivos eu aprendi bastante e hoje me auxilia muito aqui no trabalho presencial. Professor G

A aprendizagem passa pelo contexto local, pois a comunidade escolar faz diferença na vida do professor, isso envolve sua cultura, a sociedade, o entorno etc. Todos esses fatores criam um universo específico de colaboração, integração e formação, no relato do professor E, ele acrescenta que:

Professor aprende sua profissão na sala de aula, não só em sala de aula, mas na escola. Além da escola, no lugar em que a escola está inserida, eu acho muito bacana essa fala, essa afirmação, pelo seguinte, a Instituição está inserida num contexto social, cultural, diferente de uma escola no interior do Pará, por exemplo, que tem uma característica social, socioeconômica cultural diferente da nossa.

O Professor E aponta um dos princípios citados por Marcelo Garcia (2009) que compõe o processo de desenvolvimento profissional docente: a importância de se considerar que esse processo tem lugar em contexto concreto. Ele não faz a comparação para qualificar a atuação das

escolas de acordo com sua região, ele continua seu relato lembrando que os contextos sociais são distintos, e possuem características sociais, econômicas e culturais distintas, mas é essa a mesma realidade onde está o aluno, por isso a linguagem, os contextos, os experimentos estão próximos da realidade dele.

Ainda que a universidade seja imprescindível na formação do professor, ela não é capaz de provocar essa experiência de contexto. As tentativas de criar vínculo, geralmente através dos estágios acadêmicos, aproximando a comunidade escolar da formação acadêmica, devem continuar existindo, se elas não podem gerar a mesma experiência, elas podem pelo menos trazer uma noção, discussão, percepção desses contextos, desse universo escolar. Nesse sentido, vale ressaltar um dos princípios apontados por Garcia (2009) que contribuem para o desenvolvimento profissional docente: esse processo é a longo prazo. Além disso, é considerando o contexto real da sala de aula que a construção do conhecimento pedagógico do conteúdo (SHULMAN, 2014) será ampliado. Logo, a formação inicial é uma parte do desenvolvimento profissional docente.

O professor I relata um equilíbrio para o ensino teórico e ensino prático, nesse caso, ele se enquadra entre os professores que possui uma formação voltado para a indústria, posteriormente se tornou professor, e se licenciou, ele relata como a prática da docência se desenvolve:

Mas como professor, eu acredito que no mínimo 50% daquilo que a gente vê teoricamente nos cursos nas qualificações, enfim nos aperfeiçoamentos que a gente faz há para trabalhar como professor para a sala de aula e os outros 50% veem da sala de aula e da vivência da prática, da aplicação do conhecimento teórico na prática que você aperfeiçoa a teoria para a prática ou na prática, então pelo menos eu vejo assim, para mim é assim que funciona.

No caso específico de formação para o ensino remoto, nenhum desses conhecimentos foram processados durante a formação acadêmica, pois nunca pensamos em preparar professores para atuar no meio de uma pandemia. Essa realidade surpreendeu a todos, por isso, houve a necessidade de uma adaptação. Diversas foram as fontes de aprendizado relatada pelos professores entrevistados, mas como muitos já haviam relatados, a prática docente se aprende também na comunidade escolar, e no preparo para o ensino remoto não foi diferente. Há relatos de outras fontes como pesquisas na internet, videoaulas, cursos, familiares, qualquer fonte de conhecimento que ajudasse, era utilizada. Constatamos, na maioria das respostas, que os professores atribuíram ao trabalho partilhado, por meio dos aparatos tecnológicos, um caminho para o aprendizado da docência. Eles apontaram também mais um dos princípios apontados por Garcia (2009): a importância do trabalho colaborativo. As falas a seguir, ilustram o que foi mencionado anteriormente:

...eu lembro que o *WhatsApp*, é uma ferramenta, porque todo mundo estava em casa também, mas é uma ferramenta muito utilizada, hoje não estamos utilizando tanto, mas aquela época, sempre que alguém estava chorando, já vinha três ou quatro professores dizendo “ó é assim que você faz isso, faz aquilo, está com problema mesmo, olha esse material”, essa sensibilidade, eu não sei se é por que nossa escola é pequena e esse convívio com poucos professores gera esse tipo de situação, em escolas maiores já tive isso com grupos e não na totalidade fazendo isso. Professor E

Outros colegas, outros professores que auxiliaram, principalmente, ensinando a ferramenta ou as ferramentas que nós utilizamos. Eu acredito que foi muito importante, teve um professor que fez alguns tutoriais ensinando a gente a utilizar a ferramenta *Teams*, foi sensacional, aquilo ajudou muito na velocidade com a qual a gente se adaptou à nova ferramenta de trabalho né. Professor I

Eu acho que dois principais pontos que nós podemos destacar: Colegas de trabalho forneceram algumas fontes; E outra, buscando no YouTube, internet, pesquisa, procurando indo atrás, tentar propor soluções para vencer os desafios, mas eu destacaria esses dois pontos. Professor G

Como podemos notar, não é apenas uma questão de compartilhar conhecimento, mas de humanização e sensibilidade comunitária dentro da instituição, um fator que favorece o aprendizado. O professor F também lembra a participação da comunidade escolar:

Porque assim cursos eu acho que a gente só aprendeu vivenciando então por exemplo a gente começou lá com o *Teams*, um colega colocava as coisas ou outro postava os seus vídeos e olha, a gente descobriu tanta coisa né? Então eu acho que o que contribuiu foi grupo do *WhatsApp* da nossa escola, eu acho que contribuiu bastante.

Vale mencionar que os professores mencionaram que a Instituição também promoveu momentos de formação com o envio de materiais específicos para o contexto do ensino remoto. As falas a seguir ilustram:

Recebemos da Instituição orientação do uso da plataforma *Teams*, os tutoriais do ensino remoto, nós tivemos aí que assisti-los. Não sei se teve mais alguma coisa. Aqueles tutoriais que foram enviados pra gente se nortear foram muito importantes, porque que sem eles, eu não conseguiria nem usar o *Teams* porque eu nunca tinha usado. Professor A

Não só isso, eu acho que também o material que foi disponibilizado pela instituição, até por vocês mesmo da parte de ensino remoto, vocês proveram muita coisa para gente, vocês deram muito material para gente, vocês forneceram muita coisa de qualidade através das *lives*, através dos materiais que vocês compartilharam, eu acho que tudo isso foi fonte pra gente, eu trabalho em uma outra rede municipal de Sumaré e lá também a gente teve contato com muito material também. Professor D

Experiências no ensino remoto: dificuldades e desafios

Para conhecer as experiências no ensino remoto, pedimos aos professores que relatassem sobre três aspectos, “quais foram os aprendizados profissionais?”, “quais as dificuldades?”, neste caso, elementos que limitaram ou impediram a atuação docente no contexto remoto e “Quais os desafios” que são fatores limitadores, mas que foram transpostos. A maior dificuldade relatada foi a interação com os alunos que foi praticamente nula, as aulas síncronas que aconteciam no exato momento da aula, deveria contar com a presença dos alunos, mas considerando todas as complicações sociais e de recursos dos alunos, as aulas eram gravadas e os alunos que por algum impedimento não pudessem acompanhá-las no mesmo horário da aula, poderia assistir posteriormente. A seguir, destaco alguns relatos sobre este caso:

A minha grande dificuldade foi não ter os alunos presentes na aula. Essa para mim foi a maior dificuldade, e eu não tinha como resolver isso porque não dependia de mim. ... já teve vezes de eu dar aula para ninguém. Então eu entro na aula, não tem nenhum aluno, aí eu ligo a câmera e começo a gravar a aula, depois disponibiliza, é muito ruim, e mesmo quando tinha aluno e faltava interação. Professor A

Essa questão da interação, de ter um monte de ferramenta diferente, de você usar mais facilmente essas ferramentas, como vídeo, como imagens, compartilhar essas coisas com os alunos, essa parte foi bem produtiva, mas o lado negativo foi a interação, que tinha. No dia a dia da sala de aula, que você bate o olho na vê o aluno, você percebe se ele está entendendo, se ele não está, se ele está com sono aquele dia, se ele não está bem, se ele está com dor de cabeça, por isso que ele não está interagindo na aula, isso que a gente perdeu até por uma questão da internet não ser “mil maravilhas” no país, então fica todo mundo com a telinha fechada, não estou vendo, você não sabe se o cara tá ali de corpo presente ou só de alma, mas a alma está apagando, e se ele de fato só colocou ali ligou e largou a questão pra gente? Professor B

Só que a falta de participação dos alunos fez com que a gente acabou desistindo. Então a parte de curso online eu acabei me identificando, porém com os alunos não assistindo aula não participando não fazendo pergunta, tinham vezes que eram dois alunos que entravam na aula, então acabei me cansando e aí falei não também não quero mais já cansei né sei lá acho que eu me enganei. Professor F.

Outra dificuldade relatada está relacionada à falta de interação durante a aula, o aluno não estar presente é um problema considerável, mas estar presente e não reagir é outra complexidade na relação, pois o professor não tem um feedback desse aluno. Há aqui uma inversão no comportamento dos alunos, pois em sala de aula a grande dificuldade do professor é em manter o aluno em certo silêncio, é óbvio que alguns ruídos fazem parte da rotina escolar, mas o silêncio aqui traduzido em “presta atenção na aula”, mas no ensino remoto não havia barulho mais, os alunos mantêm as câmeras fechadas, o áudio dos seus microfones desligados e a pergunta mais

frequente durante as aulas feita pelos professores eram “Entenderam? Pessoal? Entendeu? Tem alguém aí?”

O professor A relata que “Eles não conversavam, não falavam durante a aula, você perguntava, ficava tudo mudo, você não sabia se tinha aluno lá se não tinha, então essa para mim foi a maior dificuldade”. O professor C também compartilha sua experiência com o silêncio dos alunos:

As dificuldades foram mais em termos de interação com eles, porque eu falava, falava, falava, e dizia “gente, me dá um ok? me dá um joinha?” sempre no final, por que eu via que estava ficando uma palestra, e eu não sabia se aquele meu aluno estava processando as informações que eu queria. Porque ele não ligava a câmera, então eu não via essas reações de dificuldades do tipo “eu não estou indo bem”. Então assim, foi uma dificuldade que eu tive, eu não consegui passar por essa dificuldade. Professor C.

Outra dificuldade é a falta do contato visual com o aluno. Muito da habilidade de perceber a necessidade de uma nova explicação, ou novo exemplo, da repetição de um assunto, está no contato visual que o professor tem com seus alunos. Uma vez que poucos alunos estão presentes, e estes poucos permanecem mudos e transmitir nenhuma expressão visual, o professor se vê sem referência para ampliar suas ideias, veja, por exemplo, o relato do professor I:

foram processos essencialmente interpessoais, então eu precisava do contato com as pessoas, eu precisava do olho no olho, eu precisava estar ali falando com a pessoa, vendo as reações dela, fazendo a leitura corporal dela, dos gestos dela, pra poder saber se ela estava realmente entendendo ou não, se ela estava realmente absorvendo aquilo que eu estava transmitindo em termos de informação.

O professor B lembra da dificuldade de mensurar uma nota avaliativa para os alunos, pelas dificuldades da aplicação de uma prova a distância:

Só que ao mesmo tempo que eu tinha aquele anseio “até que ponto de fato o aluno está compreendendo que eu estou passando”, “até que ponto ele está aprendendo de verdade”, agora que voltou para o presencial, que aí a gente vai pegando aqueles alunos que, de fato, fizeram o ensino remoto, porque eles participaram mesmo não estando ao vivo na sua aula, mas eles assistiram às aulas, na hora que você faz referência ao conteúdo do primeiro, ou do segundo, bimestre, eles lembram, eles sabem do que se trata e daqueles que dizem “aí professor, eu vi aula, mas eu não entendi nada, me explica agora” e aqueles que de fato, só estava ali conectado para dizer que estava conectado e não precisa outras coisas.

Alguns professores relatam que outra dificuldade paira no campo social, afinal de contas, nem todos os alunos estão dentro do mesmo quadro social, possui as mesmas condições, recursos. Alguns alunos não possuíam aparelhos nem computador e nem mesmo um aparelho celular, outros dividiam o uso do celular entre irmãos e só poderiam acompanhar as aulas quando o pai

chegava do trabalho para emprestar o aparelho. Muitos alunos receberam apostilas em casa com a explicação da disciplina e listas de tarefas para responder. Nesse caso, o professor H nos lembra que não basta o aluno ter o recurso, às vezes, pensamos que ter um computador ou um celular, basta. No entanto, muitas das vezes, esse recurso tecnológico é limitado.

Principalmente os alunos, porque as máquinas que eles têm em casa não tem um poder de processamento bom, são tudo máquinas um pouco antigas então se tinha dificuldade, não instala isso, não instala aquilo. Precisei em muitos casos trocar de ferramentas, usar uma ferramenta online que conseguia funcionar com eles. Então, eu tive muita essa dificuldade com o aluno. Professor H.

O relato do professor I, nos lembra dos contextos sociais mais delicados e limitadores para alguns alunos.

E o que não funcionou, para mim, de forma bem direta, o que não funcionou foi justamente para os alunos que tem o perfil da dificuldade, aquele cara que não vai conseguir mesmo, de jeito nenhum, principalmente porque na sala de aula, apesar de alguns alunos terem por exemplo um pouco de dificuldade, o cara mora longe pra vir pra escola, tem que pegar ônibus ou tem que andar, enfim, mas quando ele está na sala de aula a coisa acontece, agora longe, às vezes não tem acesso à internet, às vezes não tem um computador ou às vezes não tem celular, então uma série de fatores que dificultam, que impedem o aluno de ter condições de fazer a aula mesmo, então quem tem condições, às vezes é pego pela falta de preparo, ou pela falta de organização, ou até mesmo pela própria falta de interesse, mas eu percebi que havia alunos que tinham interesse, mas não tinham acesso ao recurso, então eles eram foram penalizados da mesma forma. Professor I.

É óbvio que houve aprendizados durante esse período tão distinto da atuação docente por meios digitais e o maior desafio seja ainda continuar utilizando, mesmo após a pandemia, as melhores práticas compreendidas durante esse período.

O principal desafio é utilizar esses pontos positivos que nós tivemos nas aulas online, conhecendo outros materiais e utilizar isso em sala de aula de uma maneira um pouco mais humanizada, tentando levar em consideração exemplos de situações que estejam mais próximas da realidade dos nossos alunos. Professor E.

A pergunta que surge diante dessa realidade é: “quais são esses aprendizados?” Ao investigar essa questão e somada a ela “quais foram essas novas categorias do conhecimento?” Analisamos as respostas dos professores quanto aos seus desafios superados, e ao compartilhar suas superações, a mais evidente está em aprender novas metodologias de ensino, diversificando a maneira de dar aulas.

Os desafios foram aprender uma nova forma de dar aula, achar uma plataforma que se adequasse ao conteúdo, mas a grande dificuldade foi eu não ter os alunos aqui, e acabava sendo muito chato, você ter que dar aula para um ou dois, às vezes cinco alunos, então era muito difícil. É você preparava uma “baita” aula, eu pesquisava, “ah, vou dar aula desse jeito”, fazia no computador antes para me preparar, para dar tudo certo... E assim, eu tive que me transformar, precisei ser outro no ensino remoto, porque, primeiro pelo uso das plataformas digitais principalmente para ensinar estatística.. Professor A.

Olha o aprendizado para mim como professor é que a minha profissão, apesar de ser milenar, ela é tão mutante quanto às outras que a gente tem aí no mercado né? Então a necessidade de adaptação às novas tecnologias a necessidade de você aprender novas formas de ensinar. Eu pelo menos aprendi isso, a necessidade de você ser mais dinâmico para compensar. Professor I.

Comecei a perceber, a mudar de ferramentas para ferramenta até o aluno pegar o jeito, “ah essa aqui ele vai bem” e o aluno começa a fazer os trabalhos que a gente pede para fazer em sala de aula online. Professor H.

E as minhas principais dificuldades, elas também foram alguns desafios, porque eu fui formado em história, mas não tinha nenhuma habilidade com tecnologias, eu trabalhava num contexto convencional, sempre tive as minhas aulas movimentadas no sentido de trazer exemplos. Mas as tecnologias que eu utilizava, eram aquelas mais convencionais, como o *PowerPoint*, a prova era a convencional, fazia alguma coisa com música, mas essa interação online, essas ferramentas, esses softwares, eu nem sei o termo que se usa, como *Teams*, *Zoom*, essas coisas, eu nunca tive acesso e mesmo com tantas explicações a dificuldade era muito grande. Professor E.

... o desafio foi me reinventar como professor para poder conseguir atingir esse público que estava lá do outro lado, às vezes eu não sabia se estava conseguindo motivar ou não aqueles alunos, eu não sabia se eu estava conseguindo atingir ou não aqueles alunos, então o desafio para mim foi tentar encontrar uma forma, através do meu discurso, através da explicação de como funciona o processo de comunicação para os alunos. Professor I.

Um outro desafio enfrentado e que contribuiu para o aprendizado da docência foi a necessidade de se repensar o processo avaliativo. O professor A encontrou uma forma de superação:

Eu tive que aprender também uma nova metodologia de avaliar os alunos, por que nessas matérias não é comum dar seminário, encenação, ou outras formas criativas que funcionariam online, então o que eu vou fazer para avaliar meu aluno? Mandar prova? Será que essa prova vai ser uma boa fazendo online? Porque é um outro tipo de prova, é praticamente um exercício porque ele tem consulta, ele tem tudo ali na mão dele se ele quiser usar.

Assim como alguns alunos tiveram dificuldades em se adaptar a uma agenda nova, com horários distintos, os professores também tiveram que se adaptar, e muitas vezes atenderam os alunos fora do horário de trabalho, criando um clima de plantão, estando disponível o tempo todo para os alunos, essa atitude exigiu uma correção de rota por parte dos professores que tiveram que

reaprender a organizar o horário de trabalho, segue três relatos dos professores C e E que compartilham suas experiências de organizar o tempo e os horários de atendimentos aos alunos:

Eu demorei para eu ver esse limite e dizer “olha, não estou no horário de trabalho, não estou na Instituição nesse dia, então, não vou responder”. Então, acho que isso foi talvez um desafio bem difícil, mas que hoje eu consigo. Por exemplo, existem mensagens lá no chat do *Teams*, no dia e no horário que eu estiver na escola, eu vou responder essas mensagens. Professor C.

Além das tecnologias, foi a questão do tempo, como eu conduzi essa aula remota, por exemplo, a minha aula começava às 7h30 e terminava às 15h30, era uma coisa que não existia, porque cada um estava num horário, e as dúvidas e atividades e coisas do tipo, elas eram frequentes e a gente só conseguia entrar em contato no final de semana, e a gente acabou ficando como um professor que estava a disposição a qualquer momento, um 0800 dos alunos, eu me senti 0800, e isso sugava muito, além do que, se você tem filhos, que é o meu caso, eles estão em casa, assistindo aulas remotas e precisando constantemente da ajuda do pai, essas foram as principais dificuldades. Professor E.

Criar um conteúdo para uma aula presencial é bem comum para qualquer professor, mas quando se trata de uma aula remota, o conteúdo preparado reage de maneira diferente dentro do tempo que se tem. O professor D destaca esse desafio ao preparar uma aula online, mas vai além, procurar conhecer novas técnicas para ministrar uma aula remotamente, influencia a maneira como se prepara uma aula presencialmente também. Ele diz:

O que mais foi de aprendizado foi realmente em nível de organização, como você vai trabalhar esses conteúdos, dentro do espaço de tempo que você tem determinado, que a gente sabe que o dia a dia da sala de aula, de repente você programa uma atividade e pensa que ela vai durar duas aulas, e ela acaba durando quatro aulas, ou você planeja para ela durar quatro aulas e ela dura meia aula. Eu acho que foi realmente ter a sensibilidade de entender quanto tempo aquela determinada atividade, aquele determinado conteúdo vai durar. Esse foi um grande aprendizado. Professor D.

De maneira mais subjetiva, pode-se concordar com a observação do Professor E que compartilha que o maior aprendizado é a consciência de estamos vulneráveis, a necessidade de uma mudança tão drástica na educação revelou que os professores e as instituições não estavam preparados para uma realidade como essa:

Eu acho que pra todo mundo foi um aprendizado. Eu acho que ficou mais claro o quanto estamos vulneráveis, quanto o nosso sistema de ensino é vulnerável à determinadas situações, a gente não estava preparado pra esse desenvolvimento tecnológico, não estava e não está ainda preparado para esse desenvolvimento tecnológico que vem batendo na porta, é neste contexto que as crianças estão sendo alfabetizadas ou algumas delas pelo menos. Professor E.

Como último elemento de investigação, pretendemos apontar quais foram os avanços e os retrocessos nas práticas pedagógicas que intensificaram a atividade docente no contexto do ensino remoto, então, perguntamos: “Quais as lições que você traz do ensino remoto para o ensino presencial?” e “Quais situações que você percebe que deram certo no ensino remoto? E o que não funcionou?” Além disso, foi solicitado aos professores que em suas respostas citassem exemplos das práticas.

Avanços e retrocessos

Os avanços aqui destacados não têm a intenção de considerar que a pandemia covid-19 tenha valido a pena, um pensamento assim seria desumano. Entretanto, a educação está constantemente transformação, educadores permanentemente buscam a melhoria das suas práticas, nesse sentido, a pandemia foi um evento catalizador que acelerou alguns desses processos. Algumas situações narradas pelos professores entrevistados revelam que nem todas as práticas pedagógicas, ou métodos desenvolvidos e adaptados para serem usados no ensino remoto deram certo.

Como por exemplo a aula síncrona, que é a aula que o aluno participa em horário agendado com o seu professor. O calendário escolar transcorreu normalmente, o aluno teria sua aula remota no mesmo dia e horário que a aula na unidade escolar, mas infelizmente houve a necessidade de concessões, pois, não havia como garantir que ele tivesse, naquele momento, instrumentos para o acesso remoto, computador, celular, internet. Com isso, muitas medidas foram tomadas para evitar que o aluno perdesse a aula, como a distribuição de chips de celulares com acesso à internet, mas ainda assim, era necessário ter o aparelho ou um computador.

Muitos alunos enfrentaram outros imprevistos, como auxiliar na atividade doméstica, cuidando do irmão menor que também não estava indo na aula, ou dividiam o aparelho disponível para conexão, computador, *tablet* ou celular com outras pessoas da família que também tinha aula remota para assistir.

Diante dessas situações que poderiam impossibilitar o ingresso na aula remota de forma síncrona, os alunos não eram obrigados a estarem presentes no momento da aula, as aulas eram gravadas e, e quando possível o aluno acessava assistia a aula gravada, fazia as atividades referentes a aula. Em meio a situações legítimas de impedimento do aluno, emergem situações periféricas onde alunos com recursos necessários e tempo disponível resolve não assistir a aula aproveitando dos mesmos benefícios. Não havia como controlar essa demanda, o que esvaziou as salas de aula, como podemos perceber nos relatos:

O que não funcionou é a presença de todo mundo, a gente sabe, na reunião de quarenta, na sala entrava dez ou quinze alunos. Aí começou a criar aquela ideia “vamos deixar gravado” então como a gente começou a deixar gravadas as aulas, aí que não entrava ninguém, tinha momento que eu entrava lá e não tinha ninguém, não chegou ninguém na sala, então eu deixava gravar “hoje tem que fazer isso, isso, isso, isso e pronto” e deixava a gravação, então eu acho que isso no *Teams* não funcionou, a aula que era pra estar todo mundo presente, você tinha lá um ou dois alunos. Professor H.

Outros relatos também demonstram que mesmo o aluno presente, eles não tinham interesse em participar, não havendo interação.

O que não funcionou foi a interação com aluno, acho que tem que ser na sala de aula, porque você tem que estar mais de olho mesmo, chamando a atenção “viu fulaninho? acorda aí! Vocês entenderam, ó vou desenhar aqui para vocês! Vocês não entenderam? Vou fazer diferente!”. aquela percepção rápida, pra você mudar o jeito para responder e ver se a coisa engrena. Então isso não funcionou, por conta de eles poderem ver aula que eles querem, no momento que eles querem. Professor B.

Na interação, não, não funcionou, com os alunos eu me senti mais num monólogo, por isso até que eu optei pelas videoaulas porque eu vi nelas uma opção. É aí, você fala assim “ó, são uns dez minutos que eu preciso dar atenção de vocês”. Várias vezes teve professor que dizia, aí eu fico frustrado de entrar na aula e só tem 4 alunos. Professor C.

Para o professor I, o sistema desprivilegiou alunos com maiores dificuldades de aprendizagem

E o que não funcionou, para mim, de forma bem direta, o que não funcionou foi justamente para o os alunos que tem dificuldade, aquele cara que não vai conseguir mesmo, de jeito nenhum, principalmente porque na sala de aula, apesar de alguns alunos terem por exemplo um pouco de dificuldade, o aluno mora longe pra vir pra escola, tem que pegar ônibus ou tem que andar, enfim, mas quando ele está na sala de aula a coisa acontece, agora longe, às vezes não tem acesso à internet, às vezes não tem um computador ou às vezes não tem celular, então uma série de fatores que dificultam, que impedem o aluno de ter condições de fazer a aula mesmo, então quem tem condições, às vezes é pego pela falta de preparo, ou pela falta de organização, ou até mesmo pela própria falta de interesse, mas eu percebi que havia uns alunos que tinham interesse, mas não tinham acesso ao recurso, então eles eram foram penalizados da mesma forma.

O professor I, nos lembra do caráter social que limita o acesso aos recursos necessários, esse aluno depende, muitas vezes, do acesso assíncrono, e não encontra o professor ao vivo para fazer uma pergunta, se faz a pergunta, utiliza o chat, mas vai ter que esperar o professor para responder, toda essa situação prejudicou significativamente alunos bons. Nessa mesma linha de pensamento, o professor D e o professor E consideraram um erro tratar todos os alunos como a mesma realidade social:

Ótimo. De cara, as aulas no mesmo período no qual eu dava aula, ela não funcionou. A aula síncrona não funcionou, porque, o que acontece, o aluno dentro do nosso contexto principalmente, o aluno que estava em casa, uma grande maioria desses alunos, passaram a ter atividades específicas, seja um trabalho, seja cuidando de um irmãozinho, seja cuidando da avó. Os alunos começaram a assumir atividades complementares. Então o que eles faziam, eles entravam no sistema, não para assistir as aulas, ver o que funcionou, nós gravávamos e deixávamos as disponibilizadas as aulas, então esse pessoal entrava para assistir essas aulas, mas mesmo assim, esse pessoal entrava para poder fazer as questões, e só aquilo que era necessário também, mas eu acho que não funcionou. Professor E

Outro aspecto que não teve bom êxito, foram as formas de avaliação. Analisando os relatos, o motivo não é exatamente uma limitação ou falta de recursos, mas o fato de ser impossível reproduzir o sistema de provas que aplicado presencialmente por meio de uma ferramenta de mediação. Essa mediação é limitada, não há como garantir o mesmo modelo de avaliação.

Agora o que não funcionou, eu acho que sistemas avaliativos. Isso é uma coisa que eu ainda não tenho segurança. Quando eu falo que meu aluno é B ou MB, R ou I, enfim. Eu não tenho segurança de que meu aluno de fato é o conceito que dei a ele. Professor C.

Já essa observação do professor C, não diz respeito à forma, mas aos resultados obtidos nas avaliações, revelando insegurança nos resultados.

Em algumas situações, a gente fala “tem que olhar o global desse aluno”, mas esse aluno está muito distante. Então para eu reduzi-lo a um R, aí você fala “será que é isso mesmo?” e para eu colocar um MB, penso “nossa, será que ele está contemplando todas as habilidades que eu queria? Como que ele está fazendo essa atividade que eu quero?” Professor C.

Ainda, com relação aos avanços, professores que nunca haviam trabalhado remotamente ou se reunido por meio de uma ferramenta digital, que no máximo ligava a câmera para matar a saudade de um parente distante, se viu roteirizando aula de forma remota, participando de reuniões acadêmicas em salas virtuais, gravando e editando aulas para disponibilizar no YouTube. Seria impossível imaginar um relato desses sem considerar aprendizados significativos. Nos relatos recolhidos pelos participantes da pesquisa, um dos fatores que se destacou como algo que funcionou durante o ensino remoto, foi a empatia entre os professores e alunos. Enquanto a novidade mantinha os alunos longe de seus professores, fisicamente, pessoalmente o movimento era contrário. O professor A, narra essa característica como fator decisivo:

A empatia e pelo aluno, foi um fator decisivo, porque nessa pandemia, eu descobri muito da vida dos nossos alunos. Que às vezes a gente não se dá conta do porquê que o aluno é assim, porque que ele não comparece a aula, porque que ele não estudou direito. Então ter esse olhar mais humanizado para o nosso aluno. Professor A.

Um dos motivos se dá justamente porque a pandemia aproximou a realidade de alguns alunos à escola por meio de suas secretarias, orientador escolar, coordenadores etc., essa aproximação rendeu campanhas de arrecadação, doações, ofertas de emprego e sensibilizou toda a unidade:

Então essa desigualdade social, para mim foi um grande aprendizado como profissional, às vezes a gente não tinha ideia, no dia a dia, no automático que a gente estava, de entender o quanto essa desigualdade ela é fundamental na relação do ensino, o quanto foi difícil para eu saber, ela sempre existiu e eu não tinha essa noção de conteúdo, e do quanto a escola é um diferencial para essas pessoas. Professor E.

Um dos elementos mais relevantes no aprendizado docente é justamente as ferramentas tecnológicas, mesmo para docentes mais habilidosos para com tecnologias emergentes da educação, como é o caso do professor D:

Pensando na realidade das minhas aulas, como eu dou aula lá com aplicativos visuais, para criar imagens e tudo mais, achar soluções que eram soluções que estavam na internet mesmo, para que eles não precisassem instalar em computadores e trabalhar com eles utilizando essa ferramenta e gravando essas aulas para que eles pudessem assistir e fazer esses exercícios e ter essa prática um pouquinho mais tarde, isso funcionou muito bem.

Aprender novas tecnologias significa sair da zona de conforto e se diversificar, o professor F está na docência há 30 anos na docência, seus métodos de avaliação incluíam listas de exercícios e provas. Ele tentou experimentar abordagens diferenciadas, como sala invertida, algumas dificuldades o impediram, mas a experiência durante as aulas remotas abriu seus olhos para novas formas de avaliação e novas metodologias de ensino. Ele descreve sua experiência em tentar usar mapa mental como forma de recuperação, não esperava que desse tão certo, e continuou diversificando. Ele relata que:

Também fiz uma outra forma de atividade, eles também gravavam o exercício e poderiam fazer em forma de teatro e eu tive participação de alunos colocando a própria família na história. Então por exemplo teve um exercício que era do teorema de Pitágoras o menino colocou uma escada no muro da casa dele simulando um problema, falando a medida da escada, a medida do muro para descobrir o outro cateto então ele filmou e criou. Professor F.

O professor C e o professor D também experimentaram sair da zona de conforto. Eles afirmaram:

Recursos de gamificação. Os alunos gostaram, eu fiz isso principalmente pensando no Enem, então eles têm o número de questões, já tem um número de tempo, dá pra gente ver a pontuação deles, fazer como se fosse um ranking que eu acabei gostando. Professor C.

A primeira de todas, eu acho que é, justamente saber importância do nosso contato com aluno, de realmente você estar ali, não só para explicar o conteúdo, mas ser um ponto de apoio para ele, entender justamente, você até comentou do nosso Instituto ter esse lado Freiriano, justamente entender esse lado de realmente ser um ponto de apoio, um ponto de conexão entre o aluno e o conteúdo, que é uma coisa que muitas vezes, quando a gente está na sala de aula, a gente pensava “vamos preencher o tempo de aula que você tem ali”, de repente esse tempo de aula, não precisa ser necessariamente somente a sua explicação em forma de palestra, mas sim você está ali horizontalmente conversando com os alunos, percebendo e buscando a experiência deles, o que aconteceu, porque e como eles ficaram em casa, eles trouxeram muito a experiência que eles tinham dentro de casa para as aulas. Professor D.

O professor C também inovou gravando videoaulas:

O que deu certo? Acho que foram as vídeo aulas. Isso é uma coisa que eu achei que deu certo, tanto que depois eu falei assim “gente eu não vou mais ficar gravando essas interações que eu tenho com vocês no *Teams*”, porque aí eu abria as aulas né Online, só para falar “ó gente, vamos fazer a correção desses exercícios e tirar as dúvidas eventuais que vocês tenham, mas o gabarito eu vou lançar no *Teams* para conferência daqueles que não estão aqui conosco”

Para o professor B, não apenas uma questão de aprender coisas novas e experimentar, mas criar uma cultura de inovação na sala de aula.

Talvez assim, se manter essa cultura de sempre ter um treinamento, volta e meia, para reciclagem dos professores para que continue utilizando algumas coisas que foram disponibilizadas agora, para trazer isso de fato para o ensino, para continuidade de ensino, e tornar o ensino híbrido mesmo, que é a tendência na área da educação

Vários professores ressaltam a importância de manter o *MS Teams* como ferramenta de comunicação, gerenciamento de tarefas e depósito de arquivos:

A plataforma *Teams* é uma delas, é a forma de disponibilizar alguns conteúdos, algumas vídeo aulas, que faz com que o aluno consiga assistir isso antes de ir para aula em si e para já ter uma base do assunto que vai ser tratado. Professor A.

Exatamente eu acho que o *Teams* é uma ferramenta que auxilia bastante. Seria muito bom (continuar utilizando), seria uma ferramenta de apoio fantástica mesmo? Professor D.

A utilização de determinadas ferramentas, como *Teams* por exemplo, eu acho que foi algo que ajudou, tiveram outras que eu não tenho tanta habilidade para falar, mas o *Teams* eu acho que foi uma ferramenta interessante, que pode ser mantida no retorno às aulas presenciais. Nela podemos lançar atratividade de projetos e deixar disponibilizado, se a pessoa quiser um material, a pessoa não precisa imprimir na Secretaria, é só deixar tudo disponibilizado numa sala de aula. Professor E.

com o retorno das aulas presenciais eu fui questionar a coordenadora se a gente poderia utilizar as duas coisas, a avaliação escrita em sala e o *Teams* como forma virtual e enviar trabalhos, porque eu acho que ficou bem interessante, a gente ganha tempo. Professor F.

Então eu gostaria se a gente tivesse como continuar com *Teams* para entrar na parte de tarefas ou outro não sei qual que seria. Se a gente tivesse uma outra situação como essa que pudesse utilizar um aplicativo eu usaria. Professor F.

Facilitou a nossa vida, é verdade é uma ferramenta que veio né? E eu não sei se vai, como que vai ser o contrato com o pessoal, mas se ela ficar vai dar para usar ainda, para continuar usando essa ferramenta eu acho muito boa. Professor H.

O *MS Teams* foi utilizado para reuniões de professores, conselho de classe, atribuição de aula, reunião pedagógica, criou uma nova perspectiva para o encontro dos professores e compartilhamento de dados, foi utilizado para palestras, *lives* e capacitação, também colaborou com a comunicação entre professores e coordenação. O professor B afirmou:

Ficou mesmo, e o papel da atuação da coordenação de curso e pedagogia acabou também sendo mais presente, no sentido de que “como que eu vou orientar o professor a fazer uma coisa ou outra se eu não tenho esse contato?”, no máximo, é como você falou “vou pegar o diário de classe que o professor registrou, vou de repente assistir uma aula”, e aí o dia que você pede para assistir aula é lógico que o professor dá a sua melhor aula, e o aluno continua reclamando dele, e o coordenador fica com essa dúvida “até que ponto o aluno tem razão”.

Outro fato relatado como positivo no desenvolvimento docente durante a pandemia foi o reaproveitamento de material produzido, como apostilas, videoaulas, exercícios, todo esse repositório pode fazer parte de amostras, aulas assíncronas, trabalho para reflexão do aluno em casa, ou até mesmo para ser usado na sala de aula, como vídeos, slides de apresentação etc. O professor H relatou:

O material eu vou usar, porque esse material como a gente fez dedicado aluno que estava em casa sozinho, eu vou usar esse material em sala de aula, ficou muito bom, porque na verdade a gente teve muito mais tempo de elaborar, quando está em sala de aula, a gente não consegue fazer o material como quando a gente está em casa. Professor H.

Constatamos que os professores avançaram no uso de novas ferramentas e novos aparelhos. O professor F, com relação ao uso do aparelho celular como um auxílio e não como um concorrente, afirmou:

A sala de aula antes não podia usar o celular né eu usava o celular para cálculos aí é poderia hoje tanto eles como eu durante a aula nós estamos usando o celular todo mundo, mesmo que eles estejam utilizando o celular para mandar uma mensagem do WhatsApp para alguém que mandou ou alguma outra coisa eles usam e voltam para a lição.

A seguir, tecemos algumas considerações a respeito do estudo realizado.

Conclusão

A pesquisa teve como base a investigação da experiência de professores do Ensino Médio e Técnico com ensino remoto, no contexto da pandemia. Para a realização do estudo, utilizamos como instrumentos de coleta de dados: questionários e entrevistas.

Quanto a aprendizagem da docência, concluímos que os docentes confirmaram a necessidade de um aprendizado colaborativo e próximo ao contexto cultural, social e a realidade do entorno. Os professores demonstraram a iniciativa de buscarem novos saberes, independentemente de serem institucionais, oficiais ou certificados.

Os relatos apontaram que as dificuldades não foram poucas e de fato atrapalharam a formação e atuação docente, como a ausência ou falta de interação do aluno. Quanto aos retrocessos na prática pedagógica, podemos observar que o ensino remoto não substitui integralmente as aulas presenciais, ele cumpriu o papel de impedir que os alunos ficassem por 18 meses sem aulas.

Quanto aos avanços nas práticas pedagógicas, os professores afirmaram que estão mais preparados para lidar com os contextos sociais diferenciados, mais humanos, mais ouvintes, mais sensíveis aos alunos e suas realidades. É fato que a pandemia Covid-19 trouxe muita tristeza para o cenário mundial, não há meios de contabilizar as perdas, prejuízos e dores causadas pela propagação deste vírus, e nem mesmo um olhar positivo é capaz de diminuir essa constatação. A intenção da pesquisa não está em minimizar essa realidade, mas em olhar para o campo da educação e compreender os aprendizados que os professores obtiveram com a experiência ensino remoto. Por último, sobre o desenvolvimento profissional docente, os professores afirmaram que perceberam a importância de se considerar que esse processo tem lugar em contexto concreto, que a aprendizagem da docência demanda tempo, que a formação inicial é uma parte do desenvolvimento profissional docente e que o trabalho partilhado, por meio dos aparatos tecnológicos, é um caminho para o aprendizado da docência.

REFERÊNCIAS

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. **Pesquisa em Educação: Abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MARCELO, C. Desenvolvimento profissional Docente: passado e futuro. **Sisifo Revista de Ciência da Educação**, p. 7-22, JAN/ABR 2009. ISSN 08. Disponível em: <<http://sisifo.fpce.ul.pt>>. Acesso em: 2021 junho 16.

SHULMAN, L. S. Conhecimento e ensino: fundamentos para a nova reforma. São Paulo: **Cadernos CENPEC**, v. 4, 2014.